REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

ANO V Nº 64
EXEMPLAR GRATUITO

Jornal do Teatro
Em Cartaz
André Paes Leme
Cadu Fávero
Camila Amado
João Bethencourt
Juliana Teixeira
Leonardo Brício
Nicola Siri
Regina Braga

Deborah Evelyn em...

Baque

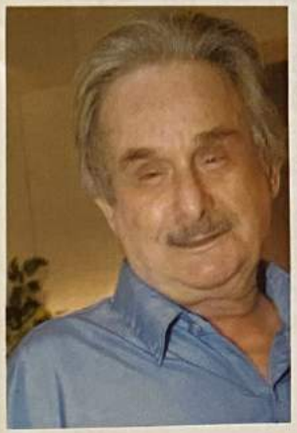
Três monólogos marcam a estréia de Neil Labute no Brasil

O Projeto Talentos da Vez apresenta:

FOTO: GUGA MELGAR

Morro de amores

Quando Deus quiser



"Há 50 anos comecei minha trajetória com as artes. Minha primeira peça se chamava *O Rei da Floresta*, era de marionetes e nunca foi encenada. Na minha segunda experiência, *Os Coerentes*, ganhei um prêmio do Teatro do Estudante e, graças a ele, pude estudar teatro no Departamento de Drama da Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

Voltei ao Brasil e dirigi *Nossa Cidade*, no Teatro Tablado, e desde então não parei mais. Dirigi mais de duas peças por ano, o que equivale a muito mais que 100 peças. Paralelamente desenvolvi minha carreira de autor, que começou com *Jogo de Crianças*, em 1956, no Teatro Nacional de Comédia. Ao todo, escrevi mais de 50 peças.

O meu maior sucesso autoral até hoje é *O Dia que Raptaram o Papa*, que está em cartaz neste momento em Viena e faz muito sucesso em toda a Europa. Em 1963 fui convidado a trabalhar em Londres como assistente de direção de George Devine, o grande reformador do teatro inglês. Depois fui para Lisboa como diretor de uma companhia.

Também criei no Conservatório de Teatro do SNT a cátedra de Direção Teatral, que virou a base do atual Departamento de Direção da UNI-Rio, onde me tornei professor titular de Dramaturgia e Direção Teatral. E fui diretor do Departamento de Cultura do governo Carlos Lacerda.

Estas são algumas das minhas muitas travessuras. Continuo escrevendo e dirigindo. Só este ano já dirigi duas peças, *Ladrão em Noite de Chuva* e *O Aposentado Adolescente*. Quero ser lembrado como um batalhador, acima de tudo. Sou engenheiro agrônomo e também sei jogar tênis. Se não desse certo no teatro, estaria desempenhando com a mesma dedicação qualquer uma destas funções. Não acredito em aposentadoria. E é até por isso que escolhi dirigir *O Aposentado Adolescente*, como uma crítica à ansiedade de parar de produzir. Eu só paro quando Deus quiser."

João Bethencourt, março de 2005

Segunda chance

Três reestréias agitam a temporada. Pedro Paulo Rangel volta com seu aclamado *Soppa de Letra* no Teatro da UFF - totalmente reformado. Até 3 de abril. Também em cartaz outro sucesso: *Sonhos de Einstein*, da Intrépida Trupe, até 8 de maio no Espaço Intrépida Trupe. E a terceira peça é *Édipo Unplugged*. Entre 1º de abril e 1º de maio, uma ótima chance para rever a ousada versão do clássico de Sófocles. No Teatro Glória.

Trava-línguas

Demetrio Nicolau estréia no Rio, dia 2 de abril, no Teatro das Artes, o infantil "A aranha arranha a jarra a jarra arranha o trava-língua". Uma peça interativa, que leva a platéia à divertida repetição dos trava-línguas, estimulando as crianças a adivinhar palavras por meio da mímica dos atores. O espetáculo ganhou 8 prêmios no 32° Festival de Ponta Grossa (FENATA), no Paraná: Melhor espetáculo, diretor, ator, atriz (3 prêmios), cenógrafo e figurinista.

Relações em discussão

Christiane Jatahy escreve e dirige A Falta que Nos Move, Ou Todas as Histórias São Ficção, que estréia dia 1º de abril no Espaço SESC. O espetáculo integra uma trilogia e amplia a discussão sobre como as pessoas se relacionam, tema que já vem sendo investigado pela diretora há tempos. No elenco, Cristina Amadeo, Kiko Mascarenhas, Pedro Bricio, Marina Vianna, Daniela Forte.

20 anos de Lume

O grupo paulistano Lume vai apresentar 4 espetáculos no Rio para comemorar seus 20 anos. A mostra começou com Cnossos, nos dias 11, 12 e 13 de março. Cravo, Lírio e Rosa serão apresentadas dias 17 e 18 e O Não-lugar de Ágada Tchainik dias 19 e 20. Café com Queijo, criação e direção coletiva do grupo, encerra o festival nos dias 24, 25, 26 e 27. Ao final, a platéia poderá provar a iguaria típica de Tocantins: café com queijo ralado. As sessões serão no mezanino do SESC Copacabana.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte) e Janaína Medeiros (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica.
Foto de capa: Silvio Pozatto/divulgação. Errata: edição 63, foto de capa: Chico Lima/divulgação

Regina Braga

O Brasil por Bishop

"É muito bom ter a liberdade de pegar a malinha e ir onde eu quiser", diz Regina Braga.

Um Porto para Elizabeth Bishop foi uma felicidade enorme na minha carreira. Sou muito amiga da Marta Góes, ela é minha comadre. Uma vez conversamos sobre a minha vontade de fazer uma peça sobre o Brasil e ela me contou essa história fascinante da Bishop no Rio. Fazer uma americana era algo que me incomodava. Mas logo percebi que poderia falar muito mais sobre o Brasil com o olhar fascinado e crítico dessa estrangeira.

Em 2001, ficamos em cartaz no Teatro Bloch e no Carlos Gomes durante a temporada carioca. E ainda fomos para Ouro Preto (MG), onde a Bishop também morou. Foi inesquecível e especial.

Uma das passagens do texto fala sobre Mary Morse (ex-companheira de Lotta Macedo), que continuou amiga de Lotta quando ela a trocou por Bishop. Tanto que as duas ajudaram a criar Mônica, uma criança adotada por Mary. Uma das maiores emoções que tive aconteceu no Rio quando, no final de um espetáculo, fui procurada por uma mulher chorando. Ela se apresentou 'muito prazer, sou a Monica'.

O tempo passou e no ano passado fui convidada a reencenar o texto na Festa Literária de Paraty (Flip). O espaço era mínimo, na Tenda dos Autores, e acabamos fazendo quase uma leitura. O que me surpreendeu foi a capacidade de diálogo do texto. Eu estava muito presa a equipes enormes, cenários gigantes e patrocínios. Nesta nova montagem não temos mais cenário e refizemos o figurino único, mudando apenas os objetos e elementos cênicos. É muito bom ter a liberdade de pegar a minha malinha e ir onde eu quiser.

Isso não significa que eu tenha intenção de fazer turnê depois do Teatro do Jockey. Mas quero levar esse texto encantador para auditórios e escolas, enfim, onde houver demanda para saber um pouco mais sobre a história desta mulher e sobre um pouco da história do Brasil através dela."

BAQUE

Monique Gardenberg dirige a estréia de Neil Labute no Brasil.

Três histórias de pessoas boas que fazem coisas más. Este é o tema dos três monólogos que integram a peça *Baque*, de Neil Labute, que pela primeira vez será montado no Brasil. A estréia é dia 18 de março, no Espaço Cultural dos Correios. Sob a direção de Monique Gardenberg – responsável pelo ousado *Os Sete Afluentes do Rio Ota*, em cartaz – estão Deborah Evelyn, Emilio de Mello e Carlos Evelyn.

Os atores Deborah e Carlos são irmãos e assistiram em companhia da tia Renata Sorrah e do avô alemão uma montagem da peça em Berlim, dois anos atrás. Foi amor à primeira vista. "Já estava atrás de uma peça para produzir e saí do teatro chapado. É uma peça que incomoda, no bom sentido. Dá um chacoalhão", define Carlos, que comprou os direitos imediatamente e se uniu à Deborah para fazer a produção. A tradução e a adaptação foram encomendadas a Geraldo Carneiro.

E foi também decisão dos Evelyn trazer Monique Gardenberg para dirigir o projeto. "Acho que a peça é dura e deveria ter um olhar feminino. Não para amenizar, mas para trazer uma nova perspectiva. E ela é tão sensível que conseguiu aproximar a montagem do nosso jeito latino de ser, sem mexer no texto", explica Deborah, que já tinha produzido no teatro *As Três Irmãs*, em parceria com Monique.

Reacionário ou revolucionário?

Baque consiste em três monólogos de 35 minutos cada. Em *Medea Redux* Deborah Evelyn interpreta uma personagem que tenta justificar sua própria vida, enquanto narra a forma como foi seduzida por um professor aos 13 anos de idade, para um gravador numa delegacia de polícia. Em *Um Bando de Santos* há dois monólogos dentro de um: um jovem casal vivido por Deborah e Carlos narra individualmente um fim de semana

FOTOS: ANDRE GARDENBERG/DIVULGAÇÃO

inesquecível e violento, com desfecho surpreendente. E em *Ephigênia in Orem*, Emílio de Mello é um simpático homem de negócios que se sente superior, mas precisa repetir eternamente a sua terrível tragédia para tentar superá-la.

Para Monique Gardenberg, é um desafio ser responsável pela primeira direção brasileira de um texto de Labute. "Lá fora há discussões se ele seria um reacionário ou um revolucionário. Acredito na segunda opção e é isso que defendo na direção. Os três monólogos colocam em xeque a condição humana e como podemos nos comportar em situações de completo e total desespero", conta a diretora.

Queridinho da América

Neil Labute é uma das maiores surpresas na dramaturgia teatral e cinematográfica mundial desde seu longa-metragem "Na Companhia dos Homens", escrito em 1992 para o teatro e lançado em 1997 como filme. Seus textos têm estilo forte e características únicas. "Baque" foi encenada pela primeira vez em Nova Iorque em 1999, transformando-se em fenômeno de crítica e de público. Em 2000 conquistou o prêmio "Critics's Choise" da revista americana "Time Out" e, no ano seguinte, foi eleita pela revista alemã "Theater Heute" a melhor peça em língua estrangeira daquele ano.

Colecione!

Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Assinatura semestral

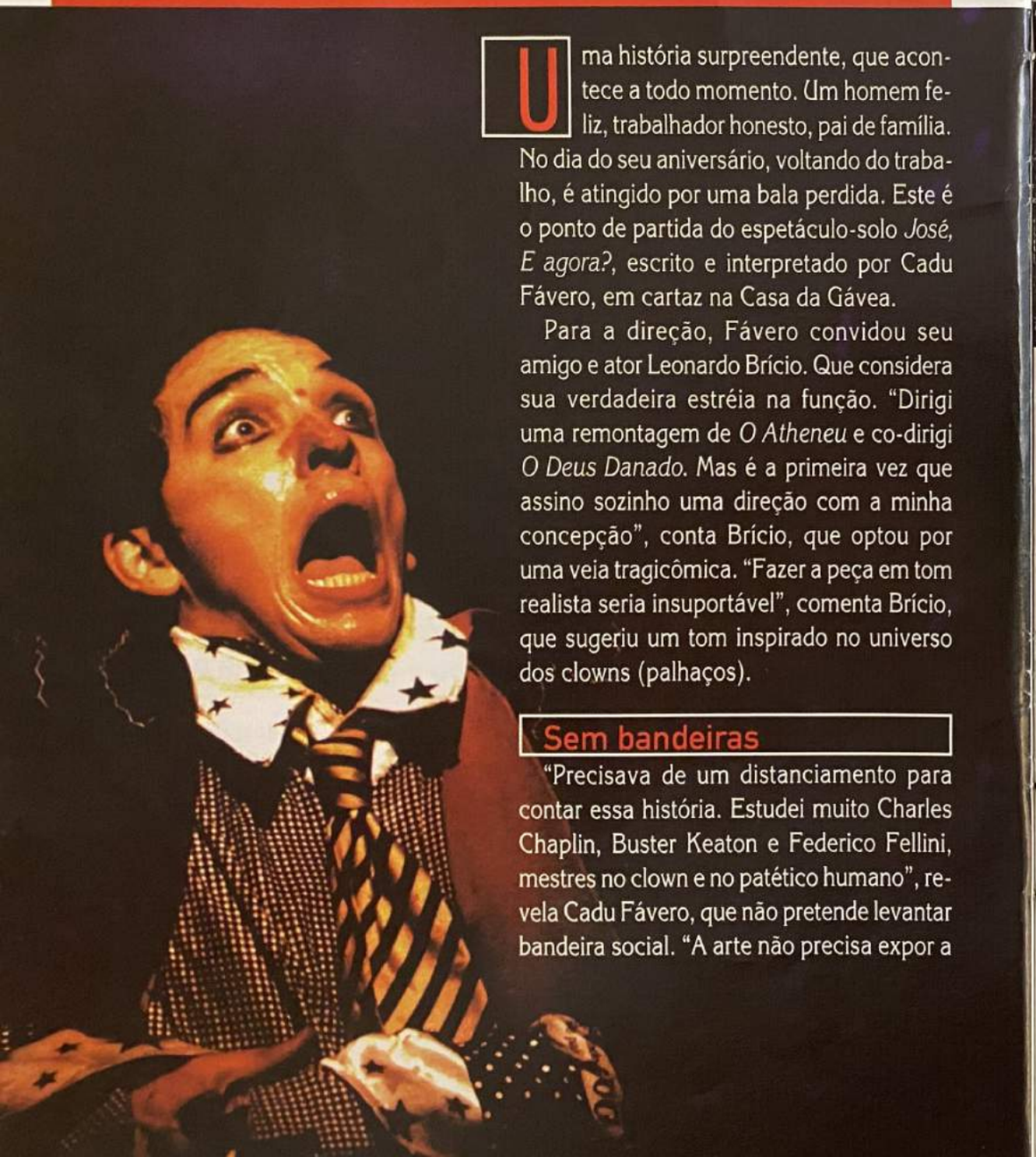
R$ 24

Coleção completa de Aplauso por R$ 54!

Edições de 1 a 63

José, e agora?

Espetáculo-solo mostra as mazelas de um mártir anônimo.



Uma história surpreendente, que acontece a todo momento. Um homem feliz, trabalhador honesto, pai de família. No dia do seu aniversário, voltando do trabalho, é atingido por uma bala perdida. Este é o ponto de partida do espetáculo-solo *José, E agora?*, escrito e interpretado por Cadu Fávero, em cartaz na Casa da Gávea.

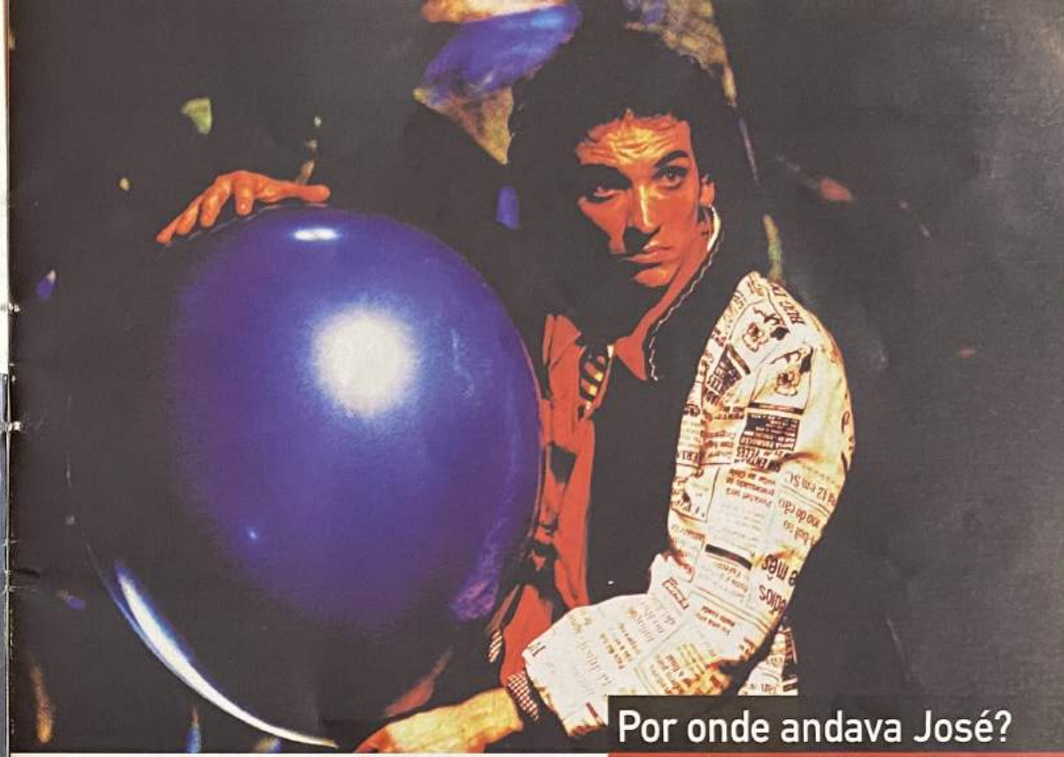
Para a direção, Fávero convidou seu amigo e ator Leonardo Brício. Que considera sua verdadeira estréia na função. "Dirigi uma remontagem de *O Atheneu* e co-dirigi *O Deus Danado*. Mas é a primeira vez que assino sozinho uma direção com a minha concepção", conta Brício, que optou por uma veia tragicômica. "Fazer a peça em tom realista seria insuportável", comenta Brício, que sugeriu um tom inspirado no universo dos clowns (palhaços).

Sem bandeiras

"Precisava de um distanciamento para contar essa história. Estudei muito Charles Chaplin, Buster Keaton e Federico Fellini, mestres no clown e no patético humano", revela Cadu Fávero, que não pretende levantar bandeira social. "A arte não precisa expor a violência e, sim, os sentimentos que brotam em nós a partir da violência".

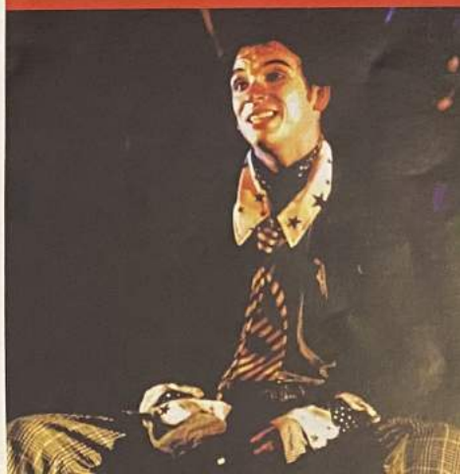
Fávero, que também é sócio de Luiza Thiré e Joyce Valente na Cia. Livre de Teatro, produtora da peça, se inspirou nas histórias contadas por sua auxiliar do lar, dona Lina, e suas dificuldades de acesso a transporte, saúde e segurança na periferia. "E também pelas histórias absurdas que lemos todos os dias nos jornais", conta.

Nos primeiros minutos do espetáculo, José é atingido por uma bala perdida no ponto do ônibus e começa sua via crucis até chegar em casa. No trajeto, começa a fazer um flashback sobre sua vida e todas as questões sociais que o cercam começam a ser expostas. "O título é um trocadilho com o verso de Carlos Drummond de Andrade. Mas a única semelhança é que estamos falando sobre o mesmo tipo de homem, um herói anônimo", compara Cadu Fávero.



Por onde andava José?

O espetáculo "José, E Agora?" estreou em setembro de 2004 numa única apresentação para o Mindelact, festival internacional de Teatro que acontece em Cabo-Verde (África). Em novembro do ano passado fez duas apresentações no Teatro Solar em Juiz de Fora (MG). Em dezembro, uma única apresentação no Teatro CIC, de Florianópolis.
E já está cotado para participar do Festival de Curitiba deste ano, nos dias 23 e 24 de março.



A vida pessoal, o trabalho e a relação de amor e cumplicidade entre a escritora e seu último amante, 40 anos mais jovem.

Por Janaina Medeiros

Marguerite Duras

Impossível não deixar a imaginação voar depois de ler um romance de Marguerite Duras, que morreu em Paris em 1996, aos 81 anos. E sua própria vida daria um outro livro. Apaixonado pela vida e obra da autora, Gilberto Gawronski resolveu homenageá-la na peça *Marguerite Duras*, em cartaz no Teatro 3 do Centro Cultural do Banco do Brasil. Camilla Amado está no papel-título.

"Ela não deixava os dogmas da sociedade reprimirem o seu desejo. E era fiel somente a ele", define o dramaturgo, que também assina a direção do espetáculo.

Paixão fiel

Neste percurso entre o imaginário e o biográfico, passagens e idéias presentes em livros de Duras, como *Ágatha*, *O amante* e *A doença da morte*, serviram de matéria-prima para a peça, numa adaptação assinada pelo próprio Gawronski e por Adriana Avellar. Os textos, conjugados a referências pessoais como entrevistas dadas por Marguerite a jornais franceses constroem uma narrativa em que a ficção dialoga com elementos biográficos.

Em foco, uma importante relação de Marguerite mantida por anos com Yann Andréa, grande admirador, 40 anos mais jovem, que se torna seu fiel escudeiro até a morte. Na peça – assim como na vida – é Yann quem acompanha Marguerite nos momentos de criação, devaneios, embriaguez e glória. Ele está presente quando Marguerite recebe o Gouncourt (principal prêmio literário francês), em 1984, assim como nos inúmeros dias cinzentos em que Marguerite se viu consumida pelo alcoolismo.

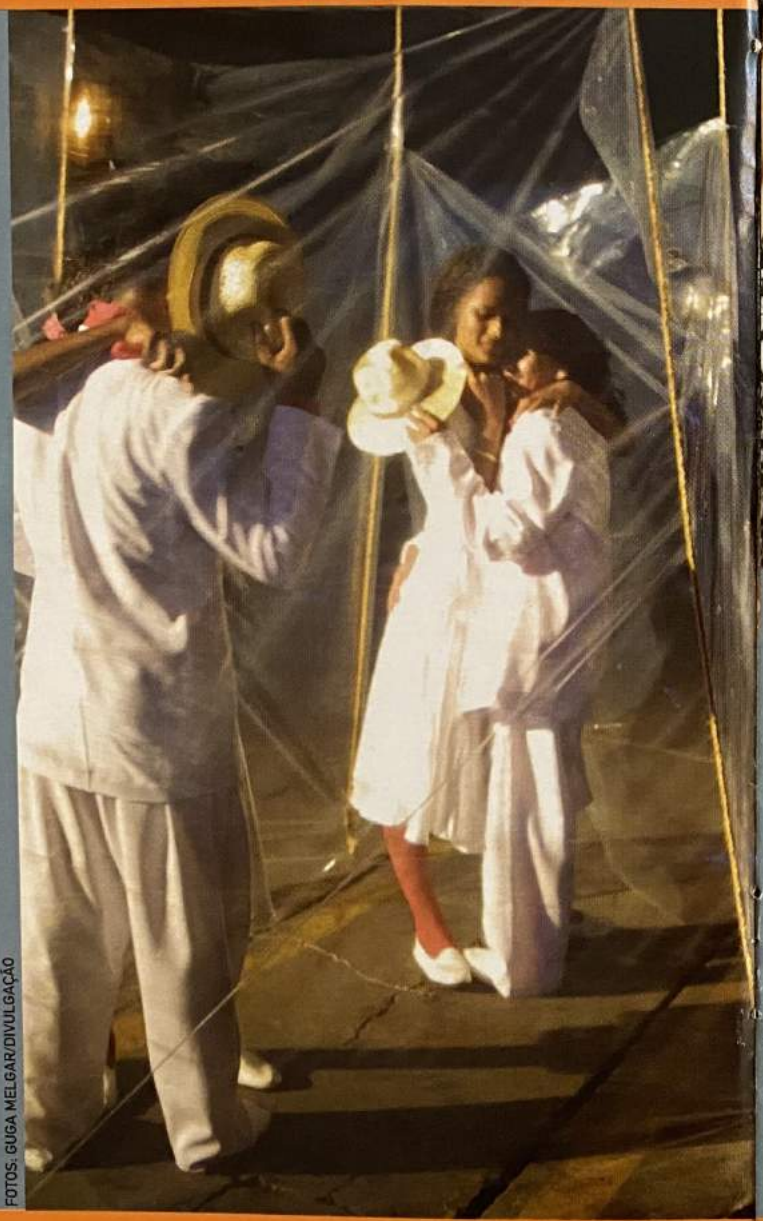
Uma mulher que não economizou a alma

O mar e o prazer são dois elementos muito fortes na vida e obra de Marguerite Duras. Para traduzir este conceito, a cenógrafa Claudia Moraes utilizou um colchão d'água redondo translúcido e uma cortina de veludo vermelho. Em contraponto ao ambiente literário no mundo "real", a velha máquina de escrever, muitos livros e garrafas de vinho. Tudo apoiado pela iluminação de Paulo César Medeiros.

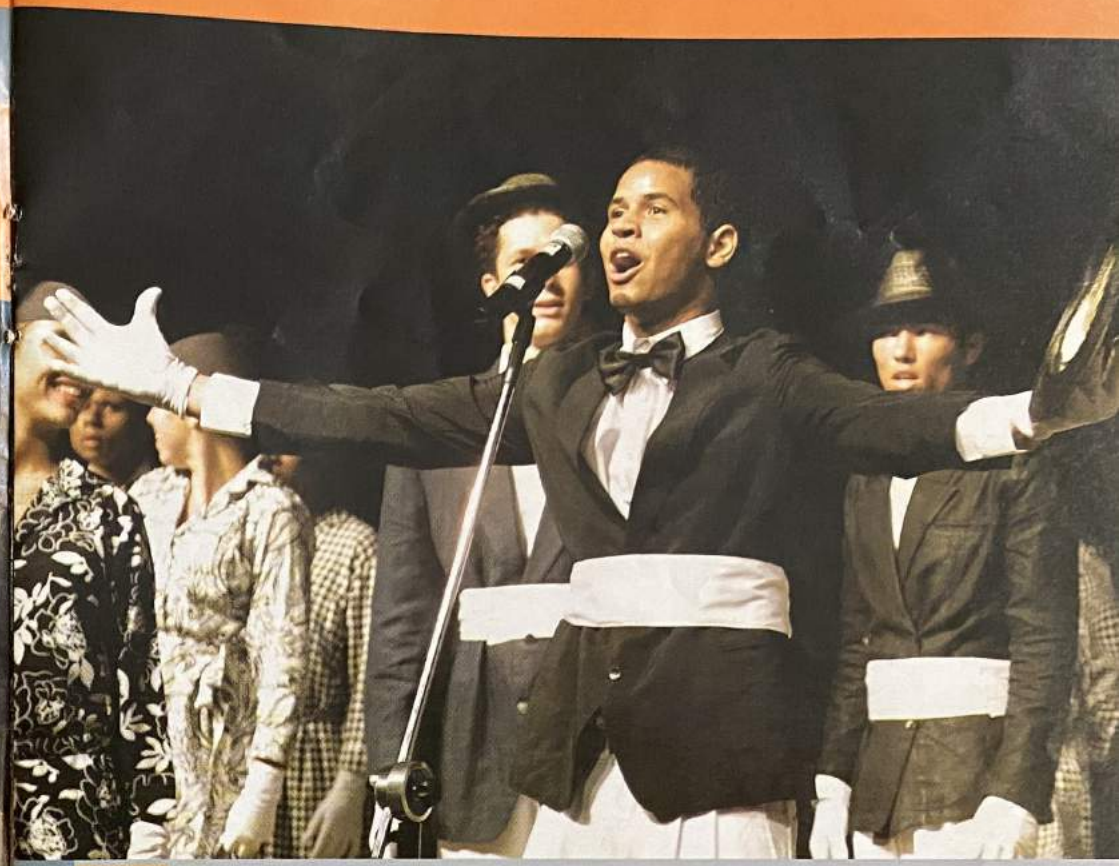
Comemorando 50 anos de carreira, Camilla Amado divide o palco com os jovens Adriane Piovesani e Adriano Lopes nos papéis dos personagens literários e autobiográficos da francesa. "Estou com 65 anos e é a experiência que faz com que você possa contracenar. Ou você vai a eles, ou não há comunicação. Não hesito em abaixar o tom para me aproximar da experiência deles. O que importa é estar em harmonia", afirma a atriz, que não poupa elogios a Orã Figueiredo e Gilberto Gawronski. E o autor e diretor devolve. "A Marguerite, para mim, é a Camila". Já para Camila, Marguerite Duras foi "uma mulher que não economizou a alma". Uma definição poética e real.

Talentos da Vez

Morro de Amores, novo espetáculo da segunda fase do projeto, investiga as raízes sócio-culturais da zona portuária carioca e atrai interesse de investidores estrangeiros na criação de uma companhia de arte



FOTOS: GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO



Mais que uma iniciativa sócio-cultural, o *Talentos da Vez* está se firmando como uma fábrica de cidadãos de hoje e artistas de amanhã. A parceria da Prefeitura do Rio com a Revista Aplauso acaba de gerar mais um espetáculo que reuniu 200 jovens de baixa renda integrantes do projeto. Intitulada *Morro de Amores*, a peça fala sobre a evolução do Rio de Janeiro através do cais do porto e está empolgando ao abordar uma realidade tão próxima a todos. Em cartaz todos os sábados no Galpão Aplauso Rio (situado ao lado da Rodoviária Novo Rio, veja roteiro), gratuitamente até o dia 26 de março, mistura artes plásticas, teatro, dança, circo, música e história.

Com texto desenvolvido pela atriz Dora Pellegrino, a partir de experiências narradas e vividas pelos próprios alunos durante os ensaios, a nova peça estreou em grande estilo no dia 12 de março e tem tudo para ser mais uma vitrine destes talentos da vez e do futuro. A trama começa numa sala de aula em que os alunos, dispersos e sem interesse nos estudos, pedem à professora que lhes dê uma aula prática sobre a geografia e história da zona portuária. A partir daí começa uma grande viagem no tempo, na qual o público deverá acompanhar fisicamente ao longo do galpão.

Segundo a diretora Lúcia Coelho, a idéia do tema foi uma evolução da primeira experiência teatral do grupo – a peça *O Paraíso É Nosso*, apresentada em agosto de 2004. "Desta vez eles queriam participar da escolha do tema e do desenvolvimento do texto. Eles queriam uma história que tivesse mais a ver com o seu dia-a-dia. Daí a zona portuária. É o local onde está situado o Galpão Aplauso, onde eles estudam", explica.

Viagem no tempo

O espetáculo tem mais ênfase nas instalações de artes plásticas e na expressão corporal, principalmente nas cenas interativas em que o público acompanha as transformações geográficas e culturais da região ao longo dos séculos. Para isso, a artista plástica Cristina Novaes coordenou a construção de três bobinas gigantes – representando o passado, o presente e o futuro –, um navio com 10 metros de altura, além de uma esteira de 10 metros de extensão que estará em movimento constante e mostrará colagens com as principais imagens que representam o cais do porto.

"Batizei esta instalação de *esteira do tempo*. Os alunos estarão caracterizados de *estivartistas*, um misto de estivadores e artistas, representando os movimentos corporais dos carregadores braçais e movimentando as engrenagens da nossa instalação", esclarece Cristina, que contou com o apoio da também artista plástica Ana Rondon e do renomado maquetista Flavio Papi. Este último assinou uma maquete que mostra o atual relevo da zona portuária e indica as constantes mudanças geográficas nos últimos séculos, que começaram com um grande aterro (veja boxe), e ficará em exposição no local.

Craques da vez

Papi, que também é artista plástico e arquiteto, há 30 anos produz maquetes para novelas e videoclipes. Atualmente responsável pelas maquetes do filme *A Máquina*, de João Falcão (inspirado na peça homônima e em fase de pós-produção), ele se surpreendeu com a resposta dos jovens alunos. "Já dei aula no MAM, no Parque Lage e no IAB, mas sempre para alunos de nível universitário. É a primeira vez que me envolvo com um projeto social e fiquei surpreso com o interesse e habilidade de muitos deles, mesmo sem qualquer conhecimento técnico profundo", elogia.

Visitantes de talento

Depois de um longo plantio, e uma bem-sucedida colheita, o "Talentos da Vez 2" começa a render novos frutos e a atrair a atenção de parceiros estrangeiros. No último dia 24 de fevereiro, dezoito congressistas norte-americanos visitaram o Favela Bairro e, de todos os seus componentes sociais, selecionaram apenas o projeto do Galpão Aplauso para avaliar de perto. Os ilustres visitantes foram até o Galpão Aplauso Rio acompanhados por representantes do BID no Brasil e pela secretária-executiva do Favela Bairro, Claudia Esquerdo. Eles acompanharam um ensaio do novo espetáculo do Talentos da Vez – intitulado "Morro de Amores" - e puderam observar de perto o talento e a garra dos jovens cariocas. E se empolgaram, sobretudo, com o número de dança que reproduzia os movimentos da malandragem na Zona Portuária ao som de "Carinhoso", de Pixinguinha.

Mais um detalhe especial é uma proa de navio cenográfica, que tem iluminação especialíssima assinada pelo mestre Jorginho de Carvalho. Os alunos da oficina de artes plásticas também pintaram sombras nas paredes do Galpão Aplauso e criaram colagens que representassem cada um deles. "Estes auto-retratos em folha A3 são dispostos nas paredes pintadas como uma espécie de 'painel de funcionários' dos *estivartistas*. Afinal, todo artista tem um pouco de estivador", compara Cris Novaes, que também coordenou a oficina no *Talentos da Vez 1* e dedicou cerca de seis horas diárias ao projeto antes da estréia.

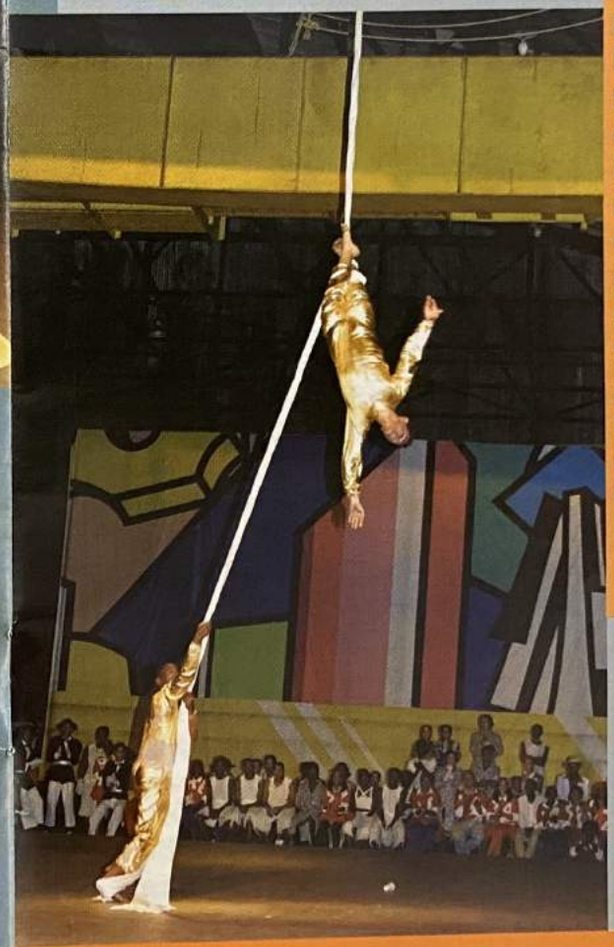
Coreografia de talentos

Outro que participou intensamente da primeira e segunda fase do projeto foi Eduardo Gomes, professor responsável pela oficina de dança. "É ainda mais empolgante agora porque estamos trabalhando com os 60 alunos de mais destaque", comenta Dudu, como é conhecido entre os seus pupilos. Assim como no texto, os bolsistas do *Talentos da Vez* também opinaram na coreografia.

"Eles pediram para criar seus trabalhos coreográficos próprios. Estávamos dando ênfase em dança moderna e contemporânea, com muito chão e muito alongamento e logo o segmento para o samba ficou mais forte. Até mesmo por conta da história da zona portuária", lembra o professor. "Os freqüentadores da Praça Mauá da década de 20 tinham uma expressão corporal muito própria, inclusive do cortejo da mulher, que difere muito do universo deles. Mas, ao mesmo tempo, o samba está musicalmente próximo da realidade deles. Isso traz um fascínio muito grande sobre o tema", continua.

Eduardo Gomes se refere à parte final do espetáculo em que o público, após acompanhar a encenação da inauguração da Rádio Nacional, caminha até o lado oposto do palco, onde estão os malandros. Com figurino típico e chapéu panamá, eles cortejam as damas ao som dos clássicos cariocas do início do século 20. Tudo com muita ginga, cortejo e, até, acrobacias aéreas. Dividindo os ensaios com a professora Beth Martins, da oficina de Circo, Dudu comemora os resultados desde já.

"Nos primeiros ensaios já observava uma disciplina espontânea dos alunos, o que não existia antes. Eles mesmos chegam e já começam a se aquecer antes da aula. Percebe-se que eles estão mais calmos e conscientes. Quando junta o corpo ao psicológico, há uma mudança inevitável. E isso é muito estimulante", completa o professor.



Entenda a zona portuária

A superação das condições precárias de vida para desenvolver um dom artístico é um grande mérito do "Talentos da Vez 2". Vale a pena conferir o espetáculo "Morro de Amores" não só para prestigiar o esforço destes 200 jovens mas, também, por puro deleite. Além de interessante, a peça retrata curiosidades de um ponto nevrálgico do Rio que até os cariocas desconhecem. A zona portuária compreende três bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Era neste local que ficava a antiga Praia Formosa, aterrada para a construção de um porto à época da chegada da Imperatriz Teresa Cristina à cidade. Outro destaque é o enfoque ao Morro da Providência, considerado local da primeira favela do Rio. Seus primeiros moradores foram ex-combatentes da Guerra de Canudos, que abalou o país por volta de 1897. E a origem do nome remete à faveleiros, um típico arbusto do sertão. Já o morro foi batizado em homenagem ao Rio Providência, situado nas proximidades de Canudos. "Morro de Amores" também é cultura!

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

AS AVENTURAS DE ZÉ JACK E SEU PANDEIRO SOLTO NA BURAQUEIRA NO PAÍS DA FEIRA

Musical inspirado no compositor Jackson do Pandeiro. Roteiro dramático e concepção: João Falcão. Direção: João Falcão e Duda Maia. Com a Cia. De Ópera Popular. **Sala Baden Powell** (Av. N. sra. de Copacabana, 360, Copacabana). Fones: 2548-0421/0492. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 27 de março.

BAQUE

Três monólogos mostram como personagens comuns reagem a situações-limite. Texto: Neil Labute. Direção: Monique Gardenberg. Com Deborah Evelyn, Emílio de Mello e Carlos Evelyn. **Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 2219-5300. Quinta a domingo, 19h. De 18 de março a 29 de maio.

CLEÓPATRA? O MUSICAL

Superprodução propõe um link entre a rainha do Egito e a época atual, recontando passagens de sua vida através de sete mulheres contemporâneas. Texto: Regiane Antonini (a partir de idéia de Ronaldo dos Reis). Direção: Marcelo Sabag. Com Claudia Ohana, Claudia Alencar, Clarisse Freire. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.) e R$ 35 (sex. e dom.). Até 27 de março.

CONVITE DE CASAMENTO

Três textos retratam pequenas tragédias do cotidiano. Texto: Edyr Augusto Proença. Direção: Cacá Carvalho. Com Cláudio Barros e Zé Charone. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square, Barra). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 20 (qui.), R$ 30 (sex. e dom.) e R$ 35 (sáb.).

DIÁRIO DE UM MATRIMÔNIO

Mulher casada entra em depressão e começa a reavaliar sua vida para reencontrar sua individualidade. Adaptação: Cláudia Sussekind e Regiana Antonini. Com Luisa Thiré, Mariana Terra e Antonio Karnewale. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Segunda, 21h. Quinta, 17h. R$ 15. Até 14 de abril.

DIFERENTE IGUAL À GENTE

Homem preconceituoso experimenta viver as desventuras das suas vítimas e sente na pele os efeitos da discriminação. Texto: Rogério Blat. Direção: Ernesto Piccolo. Com Ricardo Blat e a Cia. Oficinas de Criação de Espetáculo. **Teatro Glauce Rocha** (Av. Rio Branco, 179, Centro). Fone: 2220-0259. Quarta e quinta, 19h. R$ 10. Até 24 de março.

DIVÃ

Mulher de 40 anos procura um analista por curiosidade e acaba questionando sua vida até então considerada bem resolvida. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex.) e R$ 40 (sáb. e dom.).

DOIDA VARRIDA

Mulher perturbada defende sua sanidade em terapia assistida pela platéia. Texto: Duda Ribeiro. Direção: Luiz Carlos Tourinho. Com Karina Sbruzzy. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2523-4141. Terça e quarta, 21h. R$ 20. Até 6 de abril.

EVITA PERÓN

Musical sobre a saga da primeira-dama que se tornou um dos maiores mitos da Argentina. Texto e direção: Paulo Afonso de Lima. Com Ricca Barros, Ângela Valério, Cristiano Cardoso. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quarta, 21h. Quinta, 17h R$ 30.

ÍNDIGO & BLUES

Ansiedade e angústia de oito adolescentes em seus relacionamentos. Texto e direção: Ana Lúcia Ricon. Com Karina Dohme, Tatyane Goulart, Daniel Ávila. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Del Castilho). Fone: 2597-4452. Quinta a domingo, 18h. R$ 20.

INÊS DE CASTRO

Ficção inspirada em dados biográficos do arrebatador romance entre a plebéia Inês de Castro e o príncipe Pedro, que ameaçou a coroa portuguesa no século 14. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fones: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20 (qui.) e (dom.) e R$ 25 (sex. e sáb.). De 19 de março a 29 de maio.

INTIMIDADE INDECENTE

Texto de Leilah Assumpção sobre os encontros e desencontros de um casal dos 50 aos 80 anos. Direção: Regina Galdino. Com Vera Holtz e Marcos Caruso. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 60. Até 27 de março.

JOSÉ, E AGORA?

Espetáculo solo sobre pai de família

que é atingido por uma bala perdida ao voltar do trabalho no dia do seu aniversário. Texto e interpretação: Cadu Fávero. Direção: Leonardo Brício. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 22. Até 1º de maio.

LADY LÁZARO

Fragmentos da obra de Sylvia Plath traçam perfil psicológico da poetisa que se suicidou aos 30 anos. Texto: Daniela Pereira de Carvalho. Direção: Ivan Sugahara. Com Cristina Flores e Gabriela Bonomo. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294 4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 27 de março.

MARGUERITE DURAS

Ficção inspirada em dados biográficos da escritora francesa que viveu intensamente sua paixão por álcool, literatura, sexo e mar. Texto: Gilberto Gawronski e Adriana Avellar. Direção: Gilberto Gawronski. Com Camilla Amado, Orã Figueiredo, Adriane Piovesani e Adriano Lopes. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020.. Quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 24 de abril.

MORRO DE AMORES

Segundo espetáculo do *Projeto Talentos da Vez*, retrata a evolução histórica da zona portuária do Rio e como a região influenciou a cultura carioca. Texto: Dora Pellegrino. Direção: Lúcia Coelho. Com Grupo Talentos da Vez. **Galpão Aplauso Rio** (Rua General Luís Mendes de Moraes, 50, Santo Cristo-ao lado da Rodoviária Novo Rio). Fones: 2516-0252 e 2233-6648. Sábado, 19h. Entrada gratuita. Até 2 de abril.

O CONTO DO INVERNO

Primeira montagem profissional brasileira da comédia de William Shakespeare que traz O Tempo como ingrediente fundamental para que o rei da Sicília recupere o sentido de sua vida, depois de devastá-la com suas ações motivadas pelo ciúme. Texto: William Shakespeare. Direção: Daniel Herz. Com Ana Paula Secco, Anderson Mello. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Del Castilho). Fone: 2597-4452. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

O QUE DIZ MOLERO

Dois investigadores (Austin e Mister DeLuxe), através da leitura do relatório escrito por um terceiro (Molero), apresentam acontecimentos que construíram a vida de um personagem batizado de Rapaz. Texto: Dinis Machado. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Felipe Martins, Rachel Iantas, Orã Figueiredo. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Segunda, 21h. R$ 35.

OS SETE AFLUENTES DO RIO OTA

Obra-prima do canadense Robert Lepage e do grupo Ex-Machina reestréia com todos os atos num único espetáculo com 5 horas de duração - um épico teatral que faz uma reflexão sobre inquietações, vida, expectativas e contradições da humanidade na última metade do século 20. Direção: Monique Gardenberg. Com Caco Ciocler, Maria Luisa Mendonça, Simone Spoladore, Beth Goulart. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 40. Até 17 de abril.

RODA VIVA

Musical conta a história de ascensão e queda de Benedito Silva. De Chico Buarque. Direção de Patrícia Zampiroli. Com Bernardo Carvalho, Carmen Zanatta Kawahara, Carol Bello, Carolina Ribeiro, Cristiano Penna. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta e sexta, 19h30 horas. Sábado, 20h. Domingo, 18 h. R$10. Até 3 de abril.

SE LIGA, MEU IRMÃO!

Espetáculo sobre um jovem que se envolve com drogas e acaba pagando um preço alto para tentar sair do vício. Texto e direção: Gilson Gomes e Wagner Brandi. Com Myrian Pérsia. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5.474, Del Castilho). Fone: 2597-4452. Terça e quarta, 18h. R$ 20. De 15 de março a 27 de abril.

SINATRA, OLHOS AZUIS

Homenagem musical ao ícone da canção romântica americana. Texto e direção: Cláudio Figueira. Com Maurício Baduh, Neti Szpilman. **Teatro Vanucci** (Rua Marques de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta, 18h. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50.

SURTO

Esquete cômicos que retratam a loucura do cotidiano. Texto e atuação: André Moraes, Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes e Wendell Bendelack. Direção: Cláudio Handrey. **Teatro Candido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

TRÊS HOMENS BAIXOS

Três amigos de infância na faixa dos 50 anos começam a colocar a conver-

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

APLAUSO 6 ANOS

sa em dia e acabam revelando dramas e segredos. Texto: Rodrigo Murat. Direção: Gracindo Jr. Com Francisco Cuoco, Gracindo Jr. e Chico Tenreiro. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30 (qui.), R$ 35 (sex. e dom.) e R$ 40 (sáb.)

TRINDADE

Em 1909, três homens com três ideologias vêem de maneira diferente as transformações de um país vivendo um momento de mudança radical. Texto e direção: Caio de Andrade. Com Herson Capri, Guilherme Leme e Pedro Garcia Neto. **Teatro do Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (R. Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$30. Até 15 de abril.

UM APOSENTADO ADOLESCENTE

Sofrimentos e angústias de um homem que tenta se adaptar a sua nova rotina de aposentado. Texto: Paulo Graça Couto. Direção: João Bethencourt. Com Bemvindo Siqueira, Suely Franco, Cristina Bethencourt. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, nº 1, Centro). Fone: 2563-4164. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$ 20 (qui., sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.). Até 1º de maio.

UM NEGO E DUAS BRANCAS

Pocket-show de humor mostrando as contradições e conflitos de duas mulheres que disputam o mesmo homem através de duelos musicais. Texto e direção: Adélia Sampaio. Com Germana Guilhermme, Edio Nunes e Mariana Baltar. **Sala Baden Powell** (Av. Nª Srª de Copacabana, 360, Copacabana). Fones: 2548-0492/ 2548-0421. Quarta, 18h. R$15.

UM PORTO PARA ELIZABETH BISHOP

Nova versão cênica do monólogo sobre a poetisa americana que viveu no Brasil entre os anos 50 e 60 e testemunhou acontecimentos históricos nacionais. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15. Até 27 de março.

UMA ÚLTIMA CENA PARA LORCA

Ficção sobre os últimos dias do escritor Frederico Garcia Lorca no exílio em Granada, antes de ser fuzilado. Texto: Antônio Roberto Gerin. Direção: Andre Paes Leme. Com Nicola Siri, Jeanine Moreno. **Teatro Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 3212-2550. Quinta a domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.) e R$ 20 (sáb. e dom.). Até 8 de maio.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Os sete afluentes do Rio Ota

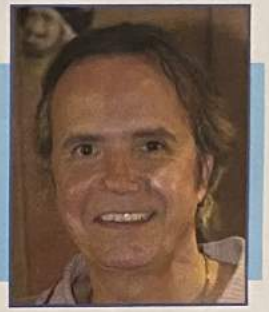
"O trabalho dos atores é incrível. A direção, monumental. Também me toca muito a duração de cinco horas de espetáculo. Gosto da possibilidade de ficar inerte num ambiente artístico. Para assistir e *viajar*"

Michel Melamed, ator e dramaturgo

Trindade

"Uma peça que mistura história e drama familiar. E o Herson Capri é um grande colega de trabalho. Ele tem o talento e o carisma na medida certa para o papel. Vale a pena conferir."

Tato Gabus Mendes, ator



Surto

"Muito divertido, eu não conseguia parar de rir. Além de ser engraçada, a peça é interativa e sempre tem um convidado diferente, o que dá uma agilidade ainda maior."

Sheron Menezes, atriz

José, e agora?

"Gosto muito do trabalho do Cadu (Fávero). O texto é sensível, bacana, emociona a todos, não importando a idade. O Leonardo (Brício) está ótimo na direção!"

Felipe Camargo, ator

Inês de Castro

Amor proibido entre príncipe e plebéia na Idade Média sobrevive.

"Agora é tarde, Inês é morta". Todos já ouviram esta frase, mas poucos sabem a sua origem. Supostamente foi dita por D. Afonso IV ao descobrir que a plebéia Inês de Castro tinha se casado secretamente com seu herdeiro Pedro, pouco depois de ter ordenado sua morte por prejudicar os interesses da coroa portuguesa. Há sete séculos esta intensa e trágica história de amor é tão cultuada na Europa quanto Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Lancelot e Guinevere, a ponto de ter inspirado dezenas de peças.

Ironicamente, no Brasil é pouco conhecida. Neste ano, a atriz Juliana Teixeira resolveu produzir uma das versões mais contemporâneas sobre esse amor impossível, assinada por Alejandro Casona, e traduzida e adaptada por Marcílio Moraes. "Fui morar em Portugal em 1998 e fiquei fascinada pela história. Não houve muitas montagens no Brasil. A mais importante foi dirigida por Ziembinski, com Cacilda Becker e Maria Della Costa", conta Juliana, que interpreta a protagonista.

Amor x Estado

Nesta versão da história, são retratados os últimos dias de vida de Inês com mudanças na biografia original. "Encontrei muitos textos portugueses do início do século 20. Mas optei por este, escrito em 1967, por ter um ar contemporâneo" diz a atriz, que convidou Marcelo Escorel para dirigir a montagem. "Também fiquei fascinado pela história. É tão forte que sobrevive ao tempo. É um embate entre o amor e as leis do estado", define o Escorel, que dirigiu no ano passado *Apenas Uma Noite*, de Pedro Neschling, e agora assume o elenco de 10 atores. "Tomei gosto pela coisa. Quero investir na carreira de diretor", afirma.

Aqui Inês já está com Pedro (Roger Gobeth) há 10 anos e é mãe de seus três filhos, mas tem sua felicidade abalada pela chegada de D. Constança, princesa de Castela (Pitty Webbo), com quem o D. Afonso (Nildo Parente) quer que o filho se case. Na peça, Pedro não cede e contraria os interesses do estado, numa época em que Portugal se consolidava como o centro do mundo. O elenco conta ainda com Gaspar Filho, Maria Regina, Mario Faini, Nadia Bambirra, Ramon Motta e Silvio Ferrari.

Cronologia de um amor eterno

1320: Em Coimbra, a 8 de Abril, nasce o príncipe D. Pedro, filho de D. Afonso IV, rei de Portugal. **1340:** Inês de Castro, dama galega, vem para Portugal no séquito de D. Constança, noiva castelhana de D. Pedro. Paixão adúltera e fulminante de Pedro por Inês. **1345:** Nasce D. Fernando, filho de D. Constança e de D. Pedro. **1349:** Morte de D. Constança. **1354:** Influenciado pelos Castro (irmãos de Inês), D. Pedro mostra-se disposto a intervir nas lutas dinástias castelhanas. **1355:** A 7 de Janeiro, com o consentimento de D. Afonso IV, nos paços de Santa Clara (Coimbra), Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves degolam Inês de Castro. D. Pedro revolta-se contra o pai. **1357:** Morte de D. Afonso IV. D. Pedro sobe ao trono e manda executar os assassinos de Inês de Castro. **1361:** Do Mosteiro de Santa Clara (Coimbra) para o Mosteiro de Alcobaça, D. Pedro I manda trasladar os restos mortais de Inês de Castro, um dos túmulos mais visitados de Portugal até hoje. **1367:** A 18 de Janeiro morre D. Pedro I, em Estremoz.

FOTO: PERCIO CAMPOS/DIVULGAÇÃO

Uma última cena para LORCA

Ficção especula como teriam sido os dois últimos dias do escritor

Por Janaina Medeiros

Sabe-se que o escritor Federico Garcia Lorca, que morreu em 1936 aos 38 anos, deixou uma peça inacabada. Mas não dados biográficos que confirmem se ele estava trabalhando nela nos seus últimos dias de exílio antes de ser preso e fuzilado em Granada, na Espanha. Interessado em preencher este vácuo histórico, o autor Antonio Roberto Gerin escreveu um espetáculo que mistura realidade e ficção. O resultado é *Uma Última Cena Para Lorca*, em cartaz no Centro Cultural da Justiça Federal.

Com direção de André Paes Leme, a peça conta com Nicola Siri (Lorca/ Pedro), Jeanine Moreno (Dona Fernanda), Marianna Mac Niven (Maria), Nedira Campos (Esperanza/ Altiva), Regina Gutman (Dona Inacia) e Rodolfo Mesquita (Menino/ Moço Lopez) no elenco. Paralelamente aos horrores da guerra civil espanhola, o texto pretende retratar a atmosfera política e social da época, inclusive os conflitos femininos de então. "Há um paralelo entre a realidade da mulher e do Lorca. Ambos eram vítimas da intolerância e de um universo repressor da época", compara o diretor.

Criação & crise

Tudo começa a dois dias da morte de Lorca, quando o escritor se mantém exilado num quarto secreto. Sentindo-se preso e acuado, ele começa a abstrair a realidade e a dar vida aos personagens de sua obra. "O Roberto (Gerin) criou personagens de ficção inspirados na obra de Lorca. Eles interagem com o Lorca da peça e isso fica bem claro para o público desde o início", explica André Paes Leme.

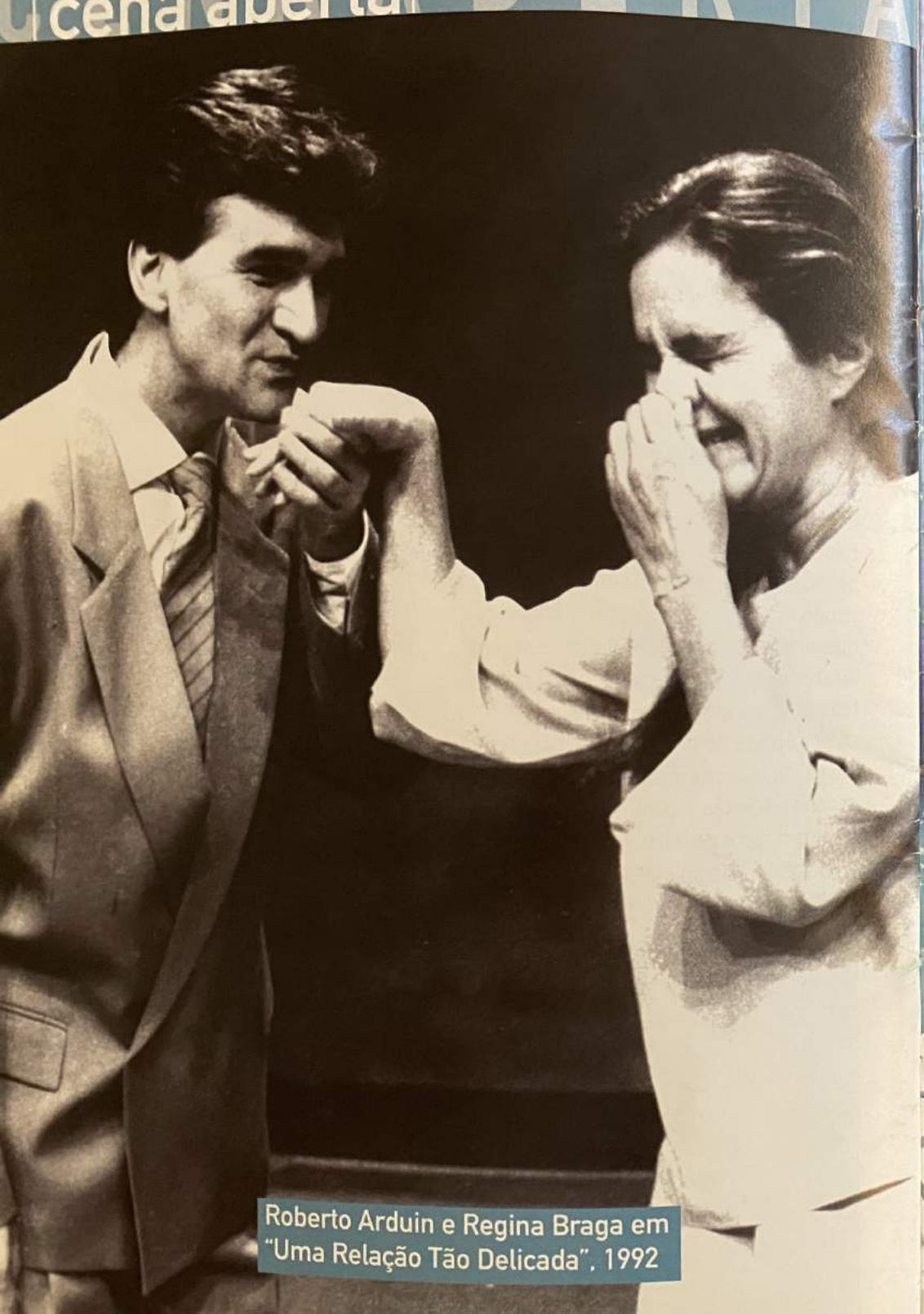
A montagem acontece em dois planos. No primeiro, um painel dos últimos momentos de Lorca, em que ele expressa à amiga Esperanza suas angústias com a situação político-sangrenta em Granada, ao mesmo tempo em que lê para ela sua última peça que acabara de escrever. E é esse texto, através da leitura encenada, que é apresentada no segundo plano. "A peça fala sobre os problemas de criação num momento de crise", diz o diretor, que optou por um único cenário – o sótão – com mudanças de luz e objetos cênicos para marcar a divisão entre o plano real e imaginário do protagonista.

Para o ator italiano Nicola Siri, que depois de 30 peças em seu país natal estréia nos palcos brasileiros, o convite não poderia ser melhor. "Foi uma oportunidade que tive para estudar mais a sua obra e sua relação com os amigos ilustres", conta Nicola, que chegou ao Brasil há dois anos para interpretar o Padre Pedro na novela *Mulheres Apaixonadas* (Globo). "Para mim é um prazer viver Lorca por causa da liberdade que ele sempre teve. Liberdade de ser o que era e enfrentar todos os aspectos da sua vida de modo intenso, nunca superficial. Esse era Lorca", diz o ator.

Lorca: intenso e extenso

Poeta, músico, desenhista, folclorista e dramaturgo espanhol, Frederico Garcia Lorca sempre despertou interesse sua vida intensa e extensa obra. No seu legado poético e dramatúrgico, retratou em tintas vivas e trágicas o mundo feminino como ninguém. E nos poucos anos de vida, não fez segredo de seu homossexualismo e de sua militância política, que o levou a ser fuzilado em Granada por militantes franquistas no início da guerra civil espanhola.

FOTOS: ANDRÉA ROCHA/DIVULGAÇÃO



Roberto Arduin e Regina Braga em "Uma Relação Tão Delicada", 1992

Completíssima.

A Sol Gráfica apresenta ao mercado seu mais recente investimento: pré-impressão digital e CtP.

Eliminamos filmes para oferecer melhor desempenho na produção dos trabalhos, otimizamos tempo e aprimoramos a qualidade dos impressos.

Sem mencionar a diminuição no custo do trabalho, uma vez que os fotolitos não são mais necessários.

E estamos mais perto ainda do nosso cliente: transmissão de dados em banda-larga pela Internet proporciona mais agilidade.

Por isso a Sol Gráfica tem orgulho de ser completíssima.

SOL GRÁFICA

Rua João Torquato, 289 - Bonsucesso • RJ
Tel: (21) 2560-4082 Fax: (21) 2290-8599
www.solgrafica.com.br • solgrafica@infolink.co

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, investe na idéia de que promoção cultural é também um mecanismo de investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, livros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços para exposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das formas do Brasil descobrir seu papel.

OUVIDORIA: 0800 727 1234 - www.infraero.gov.br

INFRAERO
Aeroportos Brasileiros

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS